

Sobre a análise e a síntese segundo Marx

“Quando consideramos um determinado país sob o ponto de vista da economia política, começamos pelo estudo de sua população, a divisão desta em classes, sua distribuição nas cidades, nos campos, no litoral, os diferentes setores de produção, a exportação e a importação, a produção e o consumo anuais, o preço das mercadorias, etc.

Parece ser um bom método o de iniciarmos pelo real e o concreto, que constituem a condição prévia efetiva, pois em Economia Política, por exemplo, a população é a base e o sujeito do ato social da produção. Entretanto, observando-se com mais cuidado, percebe-se que isto seria um erro. A população é uma abstração¹ se se desprezam, por exemplo, as classes de que se compõe. Estas classes são, por sua vez, uma palavra vazia, se se ignoram os elementos sobre os quais elas repousam, como por exemplo, o trabalho assalariado, o capital, etc. Estes supõem a troca, a divisão do trabalho, os preços, etc. O capital, por exemplo, não é nada sem o trabalho assalariado, sem o valor, o dinheiro, o preço, etc. Portanto, se começássemos pela população, teríamos uma representação caótica do todo e, através de uma determinação mais precisa, pela análise, iríamos chegar aos conceitos cada vez mais simples; do concreto figurado passaríamos para abstrações cada vez mais sutis até chegarmos às determinações mais simples. Partindo daí, seria então necessário refazer o caminho ao inverso, até chegarmos novamente à população, **esta não sendo dessa feita a representação caótica de um todo, mas sim uma rica totalidade de determinações e de relações diversas.** O primeiro caminho foi aquele que tomou, historicamente, a Economia Política desde o seu nascimento. Os economistas do século XVII, por exemplo, começam sempre por uma totalidade viva: população, nação, Estado, vários Estados; mas eles acabam sempre por destacar pela análise algumas **relações gerais abstratas determinantes**, tais como a divisão do trabalho, o dinheiro, o valor, etc. Logo que estes fatores isolados foram mais ou menos fixados e abstraídos, surgiram os sistemas econômicos que partem de noções simples tais como trabalho, divisão do trabalho, necessidade, valor de troca, para chegar até o Estado, as trocas entre nações e o mercado mundial. **Este último método é manifestamente o método científico correto. O CONCRETO É CONCRETO PORQUE É A SÍNTESE DE MÚLTIPLAS DETERMINAÇÕES, PORTANTO, UNIDADE DA DIVERSIDADE.** É por isso que ele surge no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o verdadeiro ponto de partida e, em conseqüência, igualmente o ponto de partida da percepção imediata e da representação. O primeiro passo reduziu a

¹ Abstrair é separar mentalmente aquilo que não pode ser separado no mundo real.

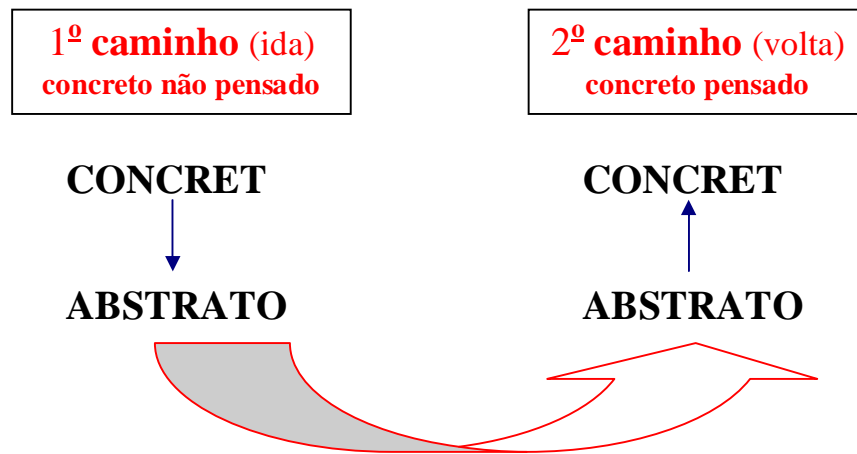
plenitude da representação a uma determinação abstrata; com o segundo, as determinações abstratas **conduzem à reprodução do concreto pelo caminho do pensamento.** (...) **o método que consiste em se transportar do abstrato ao concreto é para o pensamento a maneira de se apropriar do concreto, de reproduzi-lo sob a forma de um concreto pensado.** Mas não se coloca aí de modo algum o processo da gênese do concreto propriamente dito. Por exemplo, a mais simples categoria econômica, digamos o valor de troca, supõe a população, uma população que produz em condições determinadas; ela supõe também um certo gênero de família ou de comunidade, de Estado, etc. Ela jamais pode existir de outro modo senão sob a forma de relação *unilateral* e abstrata de um todo concreto, vivo e já determinado. Como categoria, ao contrário, o valor de troca leva uma existência antidiluviana. Para a consciência – e a consciência filosófica é feita de tal modo que, para ela, o pensamento que concebe constitui o homem real e, por conseguinte, o mundo só aparece como real uma vez concebido – para a consciência, portanto, o movimento das categorias surge como o verdadeiro ato de produção – que recebe um simples impulso de fora (...) – cujo resultado é o mundo; e isto (temos ainda aí uma tautologia) é exato na medida em que a totalidade concreta enquanto totalidade pensada, enquanto representação mental do concreto, é de fato um produto do pensamento, da concepção; não é de nenhum modo, pelo contrário, o produto do conceito que engendraria a si próprio, que pensaria de fora e por cima da percepção imediata e da representação, mas sim um produto da elaboração de conceitos a partir da percepção imediata e da representação. **O todo, tal como aparece na mente como uma totalidade pensada, é um produto do cérebro pensante, que se apropria do mundo da única maneira que lhe é possível, de uma maneira que difere da apropriação deste mundo pela arte, religião e pelo espírito prático. Depois, como antes, o sujeito real subsiste na sua independência fora da mente; e isso mesmo que a mente tenha uma atividade puramente especulativa, puramente teórica. Em conseqüência, também no emprego do método teórico é necessário que o sujeito, a sociedade, permaneça constantemente presente à mente como dado inicial.**²

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações. O concreto é o verdadeiro ponto de partida da representação imediata.

² MARX, Karl., *Contribution à la critique de l'économie politique*. Paris: Ed. Sociales, 1957, pp. 164-166. Cf em INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO, Durkheim, Weber, Marx, Parsons, Ed. Centauro,

MÉTODO CIENTÍFICO CORRETO

DO CONCRETO AO ABSTRATO, DO ABSTRATO NOVAMENTE AO CONCRETO



Relações gerais abstratas determinantes. Ex.: divisão do trabalho, dinheiro, valor.

Seguindo o exemplo do texto, iniciamos nossos estudos pela população, que é a base e o sujeito do ato social da produção. A partir daí, **no primeiro caminho**, iniciamos a análise. Nesse caminho descobrimos que a população é feita de classes sociais. Aprofundando ainda mais a análise, descobrimos que as classes sociais existem porque existem proprietários e não-proprietários dos meios de produção. Nesse primeiro caminho, chega uma hora em que nos deparamos com as **relações gerais abstratas determinantes**, como o dinheiro, o valor, a divisão social do trabalho e etc. A partir daí iniciamos o segundo caminho que nada mais é do que o retorno ao ponto inicial mas de tal forma que aquilo que nos parecia incompreensível – na ida – vai se constituindo num todo compreensível – na volta.

Se antes tínhamos um concreto não-pensado, incompreensível, ao final do processo temos um concreto pensado, já compreendido.

O concreto não-pensado tem uma aparência. O concreto pensado tem uma essência conhecida. Não é por acaso que Marx certa vez escreveu que "*Toda ciência seria supérflua se a aparência e a essência das coisas se confundissem*".³

São Paulo, 2001, pp. 165-167. Os negritos, sublinhados e coloridos são meus.

³ MARX, Karl, *El capital*, México: Fondo de Cultural Económica, 1959, vol. III.